

## AO LONGE PRESSINTO. TEO.

Jo A-mi (Unilab-CE)<sup>1</sup>

Parece que Teo não vejo. Ourives do amor: Teo. Depois de muitas semanas juntos, decidiu-nos partir em moedas: cara para mais um terço de mês; coroa deixa as ruas nos encontrarem. Há dias não encontro Teo. Desci as escadas da catedral pensando em cada um dos vitrais, as cores iridosas batendo na minha pele, uma onda de voz vindo das últimas fileiras, vendedores ambulantes brigando do lado de fora. Respiro o ar tolerante que vem do mercado. Com a cabeça baixa, vi sandálias passando à esquerda, unhas coloridas. Teo? Não, só alguém com os mesmos vícios.

*Oh, por que não me sirvo?*

*Deito sob as labaredas do sonho*

*Durmo sem sentir os olhos*

*Esfacelo.*

Andei pelas ruas do centro soltando cinzas. Uma coluna em tom vário deitou fumaças à minha frente. Dei meus melhores lírios de *malboro* e halos flutuaram à minha frente. Uma chuva fina de verão invadiu os sulcos do meu rosto, e, por um instante, fechei os olhos. Empurro a ponta do cigarro numa lixeira.

Tenho medo de invadir a próxima esquina. E a próxima. E a próxima. Tenho medo de invadir a próxima esquina e encontrar Teo. Lembrará de mim? Hoje faz cinco dias. Em três dias comecei a apodrecer, feito defunto. Os cabelos de Teo cheiravam a laranjeira. Eram doces: gostei de mastigá-los. Teo gostava de apontar sua cabeleira para o céu. "O céu resume a cor que não tenho nos olhos" - escreveu-me nas costas enquanto dormia. Três dias depois tomamos banho. Eu me sinto alcançável. Dormimos juntos todas as noites desses três dias. Eu lavei as pernas de Teo com sabonete líquido e depois lhe depilei os pelos das mãos. Brincamos de disputar bolhas sopradas na varanda. Na terça fomos xingados juntos. Dois caras

---

<sup>1</sup> Artista visual, escritora e professora-pesquisadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE) e do Programa de Pós-Graduação em Artes, da UFC (Universidade Federal do Ceará). E-mail: joami@unilab.edu.br

implicando com um beijo. Eles estavam loucos de desejo um pelo outro: projetaram-nos. Fechamos os olhos e nos beijamos. Dois caras implicando com um beijo: invejaram-nos. Fechamos os olhos e nos beijamos. Dois caras implicando com um beijo: desejaram-nos. Fechamos os olhos e nos beijamos. Dois caras implicando com um beijo: invadiram-nos.

Repito a cena, repito os gestos. Saudades. Muitas saudades. Saudades até dos dias de xingamentos com Teo. *Facebook, Instagram, Whatsapp* não sorteiam como moedas, mas não ousa acessar. "Deixa as ruas nos encontrarem". Gosto de ser fiel ao hálito de quem me beija. Teo jogou a moeda e disse a frase dentro da minha boca. Eu poderia ter fingido não ouvir. Para que serve ouvir? Sempre tive dificuldades de ouvir minha mãe, meu pai, minha tia freira. Porque ouvi o hálito. Hálito não fala! Queria segurar-lhe a mão antes da clínica. Já tinha quase o dinheiro todo. Daria meu dinheiro todo por esta mão, antes da clínica.

"Tem certeza, Teo?" - perguntei antes de fechar a porta. "De que é possível ter certeza neste mundo?" E cerrei os olhos da porta. Meus olhos também. O cheiro azedo de queijo comido em farrapos sobre a mesa invadiu o pequeno recinto. Uma mosca submersa na taça de vinho é salva. Ela se arrastou embriagada pelo meu braço, abanou-se e voou. Voar pode ser torturante.

Uma amiga disse-me ter visto Teo entrar numa clínica, semana passada. Teo conseguiu o dinheiro. Eu poderia visitá-lo. Não. Saberei vê-lo? Encontro-o acompanhado duas semanas depois. Os olhos pareciam um dormir de cirurgia. Ele me viu e acenou remotamente com os ombros. O corpo lânguido havia mudado. Saberei vê-lo? Segui ao encontro. Paramos os três como uma fila indiana: aproveitando cortinas de sol nos pés dos muros. As mãos alongadas nos ombros de Teo brilharam com o esmalte acetinado e o calor lúgubre. De lá, veio um convite. A noite caiu estranha em meu quarto. Teo não vem mais. A noite caiu estranha em meu quarto e acolhi a solidão.

---

RECEBIDO EM 18/01/2019 E APROVADO EM 03/07/2019